

**ELEMENTOS FUNCIONAIS E ORNAMENTAIS DAS FACHADAS ECLÉTICAS
PELOTENSES: 1870-1931. ESTUQUES.
UM OLHAR SOBRE O BANCO NACIONAL DO COMÉRCIO**

NOBLE, André Winter¹

VALENTIM, Jailson dos Santos²

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos

Centro de Artes | UFPel

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada sobre a técnica denominada *estruque*, normalmente empregada nas composições das fachadas dos prédios ecléticos pelotenses. Apesar da importância deste patrimônio ornamental, tão presente nas caixas murais da arquitetura historicista eclética de Pelotas, há uma carência com relação à bibliografia específica do assunto, o que nos motivou a desenvolver este estudo. O patrimônio edificado na cidade entre os anos de 1870 e 1931, utiliza estilemas peculiares a estéticas diferenciadas, de lugares ou períodos distintos da história da arquitetura, como o classicismo da antiguidade grega e romana, da renascença e do neoclássico, mesclado a fragmentos do barroco e do rococó, entre outros, empregados segundo as técnicas construtivas dos mestres de obras e as ideologias dos proprietários dos prédios.

Dicionários de arquitetura nos informam sobre o termo *estruque*: “genericamente dá-se o nome de *estruque* a toda a argamassa de revestimento que depois de seca adquire grande dureza e resistência ao tempo”. (CORONA & LEMOS, 1972) Na mesma obra, os autores acrescentam: “é a argamassa que serve de vedação, preenchendo interfícios de uma armação qualquer, (...) como telas de arame trançado”. De acordo com as citações, *estruque* é tanto uma argamassa de revestimento de paredes e tetos, quanto uma técnica construtiva empregada para a edificação de muros ou de paredes internas das edificações. Durante o período estudado, grande parte das decorações de *estruque* era importada. Outros ornamentos eram copiados ou criados e multiplicados em ateliês que se estabeleceram na cidade.

¹ bolsa PET – andre.winn@hotmail.com

² bolsa PET – valentim8@yahoo.com.br

Para desenvolver um estudo mais sólido a respeito da técnica da estucaria, foi entrevistada a restauradora Márcia Guidoti³. Segundo ela, inicialmente, para a produção do estucado, era aplicada sobre a superfície uma massa grossa e, à medida que o trabalho avançava, a massa era refinada gradativamente, proporcionando lisura e melhor acabamento das superfícies internas e externas dos edifícios. O que diferencia o estuque empregado nas paredes externas, daquele utilizado nas paredes internas dos prédios, é a composição das argamassas, uma vez que no estuque das paredes exteriores, a argamassa era resultante da mistura de cal, areia e água, sendo acrescentadas, algumas vezes, uma pequena quantidade de pó de mármore, que viria a garantir maior resistência ao estucado. A partir do advento do cimento, ele foi sendo incorporado à mistura externa. Com relação ao emprego do estuque nas paredes internas dos edifícios, a técnica construtiva dava-se a partir da justaposição horizontal de fasquias de madeira, seja bambu ou palmeira, presos a uma estrutura vertical composta por barrotes de madeira, que unidos com a argamassa, vinham a substituir os tijolos. O que diferencia o estuque interno do externo é o material utilizado na sua confecção. Na ornamentação interna é empregado o gesso, material requintado, delicado e sensível às intempéries; na externa, o cimento, produto resistente, durável e menos suscetível à incidência das variações climáticas.

Para a confecção das cornijas e dos frisos que ornavam, seccionavam e ritmavam as fachadas dos edifícios, Márcia Guidoti aponta que era colocado sobre a superfície dos muros um trilho de madeira, sobre o qual corria uma matriz da forma desejada. Esta era desenhada e recortada sobre uma superfície metálica e fixada ao trilho de madeira, para que seu perfil, ao correr sobre a massa aplicada à parede, reproduzisse o relevo idealizado. Geralmente, a confecção desses adereços era executada por três pessoas: uma à frente, chapando a massa e as outras duas na sequência, conduzindo o carrinho com o perfil do friso.

Nas construções ecléticas pelotenses, a técnica da estucaria foi empregada tanto na confecção de paredes divisórias, quanto nas ornamentações dos tetos e das fachadas. Márcia Guidoti salientou que, nos ambientes sociais das residências,

³ Entrevista realizada em 27/11/09 com os restauradores pelotenses de estuque Márcia de Pauli Guidoti e José Luis Silva.

a decoração era mais rebuscada, sendo esta, associada à função dos cômodos. Como por exemplo, as representações fitomorficas de frutas, pratos e talheres nos tetos das salas de jantar e os instrumentos musicais que emergem dos tetos dos salões de música. Quanto mais elaboradas fossem as decorações destes ambientes, de mais prestígios econômicos e sociais gozariam os proprietários destes patrimônios.

A técnica da estucaria ornamental dos tetos desdobrava-se em duas fases: a primeira consistia na aplicação de uma base de estuque; a segunda, na inserção dos ornatos sobre a superfície estucada. Nas construções romanas, para a confecção dos tetos, o revestimento de estuque era agregado ao vigamento de cobertura dos prédios por meio de sucessivas fileiras de fasquias de madeira. De acordo com BRITO, Jorge de; SILVEIRA, Paulo e VEIGA, Rosário, essa estrutura criada distanciava-se da cobertura ou do piso superior dos prédios, formando uma caixa de ar que tinha como fim garantir maior durabilidade à técnica da estucaria, além de protegê-la da umidade. Sobre essa superfície estucada eram agregadas as ornamentações e os elementos decorativos.

Em Pelotas, o método para a estucagem dos forros seguia regras semelhantes às usadas na arquitetura romana. O intervalo criado entre uma fasquia e outra, de formato retangular ou trapezoidal, facilitou a aderência da argamassa de forração. Por ser uma cidade extremamente úmida, foi de grande importância esse espaço compreendido entre o fasquiado e o madeiramento do pavimento superior que vem a proporcionar uma área de ventilação, garantindo maior durabilidade à ornamentação, bem como à estrutura.

Os ornamentos apresentavam formas e tamanhos diversos. Grande parte das peças era obtida por meio de moldes, enquanto outras eram modeladas *in loco*. As primeiras, depois de desenformadas, eram reunidas a outras, formando uma composição única. As peças maiores, mais pesadas e, normalmente mais trabalhadas, eram ancoradas com pinos de ferro ou fios de arame, ao contrário das peças menores e mais leves que eram coladas com massa de estuque nas superfícies das caixas murais.

Nessa comunicação, traz-se como exemplo de construção com fachada estucada, a antiga sede da filial pelotense do Banco Nacional do Comércio, cuja construção data do ano de 1917. Essa edificação foi erguida em esquina de quarteirão, constituída pelas ruas Lobo da costa e Andrade Neves, sob a responsabilidade do Escritório de Engenharia e de Arquitetura do tcheco Josef Hruby, radicado em Porto Alegre.

Na extremidade da fachada voltada para a rua Lobo da Costa, o módulo que abriga a entrada para o pavimento superior é coroado por frontão triangular executado em estuque. O mesmo frontão exibe uma gárgula que representa uma cabeça de leão estilizada. Este que apresenta uma simbologia relacionada tanto com a segurança dos negócios efetuados pela agência bancária, quanto com o poder econômico da empresa e dos seus clientes (Figura 01).

Nos dois segmentos de fachada do edifício de esquina de quarteirão, entre as volutas dos capitéis jônicos das falsas colunas *palladianas* erguidas entre os vãos, se inserem as cabeças de deuses da mitologia greco-romana: Efestos ou Vulcano, Hermes ou Mercúrio, Atena ou Minerva, Demeter ou Ceres. As figuras mitológicas simbolizam a indústria, o comércio e a agricultura, indicam as riquezas da cidade de Pelotas e as origens dos empreendimentos econômicos realizados pela casa bancária. O que nos leva a crer que essas peças foram encomendadas especialmente para este frontispício.



Figura 01: Na imagem à esquerda: Brasão com a cabeça estilizada de um leão no frontão do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Foto dos autores, 2010. Na imagem à direita: O capitél com a cabeça de Demeter ou Ceres, no mesmo edifício. **Fonte:** Foto dos autores, 2007.

Os capitéis jônicos das falsas colunas *palladianas* erguidas entre os vãos das fachadas, ostentam cabeças de deuses da mitologia greco-romana. Demeter ou Ceres “(...) *deusa da terra cultivada, (...) ensinou a arte de lavrar os campos, semear a terra e colher os cereais* (CIVITA, p. 188).” A gárgula feminina emerge entre as volutas, coroada por uma guirlanda de frutas, ramos de trigo e cachos de uvas, que derramam-se e enfeitam o colarinho do capitel. (Figura 01)

Hefestos ou Vulcano “(...) retratado sob os traços de um ferreiro de certa idade (...) tem a cabeça protegida por um gorro e empunha um martelo e tenazes (Ibid., p. 188).” Na representação da divindade entre as volutas do capitel, identifica-se a representação dos dois martelos sobre o gorro usado pela alegoria e, ainda, as correntes moldadas que enfeitam o colarinho do capitel e referem-se a metalurgia. (Figura 02)

Hermes ou Mercúrio “(...) representado como um jovem (...) Tem na cabeça um capacete de largas abas ou cônico, adornado com pequenas asas. Calça sandálias aladas e segura, às vezes, uma bolsa, símbolo dos lucros do comércio (Ibid., p. 120).” No exemplo analisado, uma figura masculina e jovial, é possível observar o capacete alado, atributo deste da mitologia greco-romana. (Figura 02)



Figura 02: Nas duas imagens: A representação de Hefestos ou Vulcano e de Hermes ou Mercúrio nos capitéis do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Febo ou Apolo “(...) representado sempre jovem, formoso (...) quando assume a atribuição de deus das artes, aparece vestido com longa túnica (Ibid., p. 11).” Na figura em estudo, a cabeça masculina é ornada com uma âncora, aludindo ao deus

da luz, protetor dos campos, dos artistas, dos médicos e dos navegantes. (Figura 03)

Atena ou Minerva, deusa da sabedoria e conselheira dos deuses “(...) ao nascer, já investida de armadura e capacete, emitiu ressoante grito de guerra (...) inventou (...) os instrumentos agrícolas (...) tornou-se uma divindade da agricultura (Ibid., p. 123).” Entre as volutas do complexo capitel, o mascarão exibe a cabeça feminina da deusa adornada por uma coroa de ramos de oliveira, cujo colarinho aparece enfeitado com olivas. (Figura 03)



Figura 03: Nas duas imagens: As representações de Febo ou Apolo e de Atena ou Minerva nos capitéis do Banco Nacional do Comércio. **Fonte:** Fotos dos autores, 2010.

Os capitéis enumerados representam a agricultura, o comércio, a indústria, as artes e a sabedoria e, estão ligados às riquezas cultivadas nos campos pelotenses e aos empreendimentos econômicos realizados pelos estabelecimentos da zona urbana de Pelotas, cujos lucros eram depositados na casa bancária. Também estavam associados aos “elementos do futuro”, pregados pela ideologia positivista.

Conclusão:

Durante o período referente a edificação da arquitetura eclética historicista pelotense, elementos ornamentais de estuque foram incorporados às paredes internas e externas e aos tetos dos principais ambientes dos edifícios.

Os elementos ornamentais externos e internos de estuque exploraram figuras geométricas, orgânicas, fitomórficas, zoomórficas, antropomórficas e símbolos diversos, associados à função original dos prédios ou dos ambientes interiores, também identificados com as ideologias das associações culturais e comerciais ou dos proprietários das residências.

Os arranjos ornamentais de estuque enriqueceram as caixas murais dos edifícios, como também as principais salas internas dos prédios e, revelaram o prestígio das diferentes casas comerciais, das associações culturais, dos prédios administrativos e institucionais, o domínio político e social que gozavam os proprietários dos prédios residenciais. A variedade das composições da estucaria ampliou o ecletismo historicista da arquitetura de Pelotas e, contribuiu para externar o poder econômico da elite pelotense durante o período estudado.

Bibliografia e Fontes citadas:

ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

BOSSERT, Helmuth. **Grecia y Roma**. Barcelona: Gustavo Gili, 1937.

CIVITA, Roberto. **Dicionário de mitologia greco-romana**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.

GUTIERREZ, Ester. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas, 1777-1888. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

HADAS, Moses. **Roma Imperial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEONARDO, Maria Cristina Cruz. **A preservação de um acervo familiar**: a residência Assumpção Xavier, rua Marechal Floriano nº. 8. Pelotas/RS. Monografia

(Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860–1890). Pelotas: Mundial, 1993.

MEYER, F. S. **Manual de Ornamentación**. Barcelona: Gustavo Gili, 1929.

MOURA, Rosa & SCHLEE, Andrey. **100 imagens da arquitetura pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras e vitrines**: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas 1870/1930. Pelotas: EDUCAT, 2002.

_____. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**: 1870-1931. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

STACCIOLI, R. A. **Rome**: autrefois et aujourd' hui. Roma: Vision, 1962.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul**: 1892-1945. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

STIERLIN, Henri. **A Turquia**. Lisboa: Taschen, 1999.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados, Cesário Lange – SP, 1992.

BRITO, Jorge de; SILVEIRA, Paulo e VEIGA, Rosário. **Eflorescências em estuques antigos**. Disponível em: www.scribd.com/doc/7250566/eflorescencia
Acesso: 21/06/2010.

Fontes de pesquisa:

CORREIO MERCANTIL. Pelotas: período de 1870 a 1890.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas: período de 1890 a 1931.